

DELE, os lisboetas fixaram o Eden e o Hotel Vitória. No Porto, o seu Coliseu é ainda hoje a principal sala de espectáculos da capital nortenha. Por bandas de Coimbra, a mão de Cassiano Branco assinou o Hotel do Luso e o Portugal dos Pequeninos. Mas, onde deixou marca mais profunda foi em dezenas de prédios espalhados por Lisboa. É este o arquitecto que vai ser homenageado, a partir da próxima quarta-feira, com a exposição do seu espólio no Eden. Do homem, irrequieto, irascível e frontal, se poderá dizer que foi um lobo solitário. Sobre a obra, as opiniões jamais serão coincidentes, embora hoje ninguém lhe negue lugar cimeiro entre os que partilharam a aventura modernista dos anos trinta. Vinte e um anos depois de ter deixado o mundo dos vivos, Cassiano Branco deve sorrir por ver, finalmente, a sua obra falar mais alto. Por outro lado, esta exposição, ao realizar-se no Eden, poderá transformar-se numa romagem de despedida. Resta saber se nostálgica ou com futuro

A IDEIA nasceu da aquisição do espólio de Cassiano Branco pelo pelouro da Cultura da Câmara Municipal de Lisboa, em Dezembro de 1990 — expôr a obra do arquitecto num dos espaços emblemáticos por ele concebidos, símbolo de uma certa cidade aparentemente condenada a despojar-se do miolo das memórias. Pelo espólio de Cassiano Branco o município dispendeu nessa altura 9.500 contos. Foi o termo de uma corrida em velocidade contra a concorrência de outras instituições como o Instituto Português do Património Cultural (IPPC), não faltando também o interesse de pelo menos um conhecido arquitecto da praça.

Aparentemente pacífica, a proposta da exposição ganhou contornos insuspetados. Mais do que um prolongamento da mostra sobre Cassiano Branco — realizada em 1986, na Sociedade Nacional de Belas Artes — a exposição, ao incidir sobre um Eden em vésperas de «esventramento», adquiriu uma dimensão de acontecimento marcante na cidade-capital. Como se de uma última romagem se tratasse, a divulgação, em tempo «record», do espólio do polémico arquitecto, foi concetiva, habilmente, num percurso de reconhecimento e reapropriação de um edifício, o Eden, que, não tendo a assinatura final de Cassiano, efectivamente é de sua autoria fundamental.

Declarações públicas de personalidades responsáveis pela exposição abriram o jogo. Afinal, na exposição Cassiano Branco e o Eden - Lisboa 91, o próprio Eden Teatro e o seu futuro acabarão por ser questionados: preservar o edifício como espaço cultural de uso frutífero público, ou admitir a sua transformação em bloco de escritórios «de prestígio», com uma área reservada a usos culturais?

O visitante não será confrontado apenas com a memória do velho cinema. Ao seguir os painéis, percorrerá também itinerários de verdadeira descoberta do edifício. Entre a envolveria ambiental do «hall» de entrada e a maquete do projecto dos actuais proprietários, exposta no bar da plateia, o trajecto (escadarias, «foyer» do 1.º balcão, cafeteria, «foyer» da plateia, palco e porão) não será certamente despedido de emoções. A par dos núcleos com a obra de Cassiano, a exposição inclui revelações sobre o «Eden secreto», interdito ao público (caves, cobertura, bastidores) e visões do «outro Eden», pelos olhares de Enki Bilal, Wim Wenders e Daniel Blaufuks. Henrique Cayatte, que propôs à Câmara a realização da exposição e é responsável pela sua concepção, não divida do seu efeito «afectivo»: «Qualquer pessoa,

Eden para quem te quero

MIGUEL PORTAS/FREDERICO CARVALHO

depois de visitar o Eden, vai ter a mesma ideia: porque é que este edifício espectacular vai ser 'esventrado'?»

SURPREENDIDOS pela polémica, os promotores imobiliários — o grupo Amorim associado a uma instituição financeira francesa, o Banco do Suez — invocam compromissos que teriam sido assumidos pelo executivo municipal: «Havia um acordo tácito para aprovação do projecto antes da inauguração da

Nas negociações com a Câmara, a posição terá sido mais taxativa. No entanto, a cedência do edifício acabou por ser considerada irreversível, em-bora com um protesto: «Não faz sentido fazer uma exposição cujo último elemento é a nova maquete do Eden, sem que o projecto esteja aprovado». E Almeida Guerra lança o repto aos vereadores: «Ou compram o edifício ou aprovam. Estar parado é que não».

A favor do projecto, os promotores invocam a sua

Escadarias do Eden (em cima): o espectáculo no interior da velha sala de espectáculos.

